

VIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
28 a 31 de outubro de 2007 • Salvador • Bahia • Brasil

GT 3 – Mediação, Circulação e Uso da Informação.  
Comunicação oral

**AS REDES DE INFORMAÇÕES NO CENÁRIO DA IMIGRAÇÃO  
CABOVERDIANA NO RIO DE JANEIRO NO SÉCULO XX**

***THE INFORMATIONS NETWORK IN STAGE SCENERY OF  
IMMIGRATION CAPVERDIAN IN RIO DE JANEIRO AMONG THE XX  
CENTURY***

Artur Monteiro Bento (Doutorando do PPGMS-UNIRIO, bolsista da FAPERJ, artur-bento@hotmail.com)

**Resumo:** O presente trabalho analisa os padrões relacionais nas ilhas de Cabo Verde no cenário da emigração caboverdiana, tendo como referência às redes sociais construídas na migração de caboverdianos no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro (1950-1973), entre aqueles que chegam e os que permanecem no lugar de origem. Inseridos num quadro geral da emigração portuguesa, buscamos através da história de vida de 28 imigrantes, já entrevistados, analisar as conexões existentes no processo migratório, tendo contribuído, posteriormente, na decisão de emigrar desses atores sociais. O estudo situa-se na área da teoria de informação que nos permitem analisar o fluxo e o compartilhamento da informação na rede social, considerando os contatos diretos e indiretos, entre imigrantes e não emigrantes, verificando seu possível registro na memória social.

**Palavras-chave:** Cabo Verde. Redes sociais. Memória. Informação. Poder.

**Abstract:** *This present work analyses the relational patterns in capeverdian islands at the scenery of the capeverdian emigration, referring to the social networks built during the migration of capeverdians to Brazil, especially in Rio de Janeiro (1950-1973). Among those who come and those who stay in its original place. Inserted in a general view of the portuguese emigration, we reached through the life history of 28 immigrants, already survey. To study the existing connections in the migratory process, posteriorly contributing in the emigrating decision from these social players. The study takes place in information theory area. That allows the analysis the flow and information sharing in the social network, taking account of the direct and indirect contacts between immigrants and non-immigrants, verifying its possible record in the social memory*

**Keywords:** *Cape Verde. Social networks. Memory. Information.*

## **Emigração nas Ilhas de Cabo Verde**

Cabo Verde é um arquipélago formado por dez ilhas e cinco ilhéus que perfazem uma superfície de apenas 4.033 km<sup>2</sup>. Localizado no Oceano Atlântico, e afastado da África Continental a 500km, dispõe de um espaço marítimo que ultrapassa os 600.000 km<sup>2</sup>. As ilhas de Cabo Verde foram avistadas entre 1460 a 1462 pelos navegadores, Diogo Afonso, Diogo Gomes e Antônio de Noli, a serviço de Portugal. Em 1462, iniciou-se o processo de povoamento, segundo a carta régia de 12 de junho de 1466, com povos oriundos da Europa e da África, sendo que, a maioria dos africanos entrou nas ilhas na condição de escravos. Vale ressaltar que o contato com os continentes era efetuado através dos navios que ali chegavam para o abastecimento de escravos e outros produtos. Essa intensa circulação de informações, favoreceu um processo de miscigenação social e cultural, tendo, Cabo Verde, construído uma identidade multifacetada que a diferencia das culturas de origem, tanto européias quanto africanas.

Diversos fatores propiciaram o fenômeno migratório, desde os geográficos e climáticos - trata-se de um país marcado pela insularidade, pelo terreno montanhoso e acentuado declive, pela escassez das chuvas - até fatores econômicos, políticos, demográficos e históricos, como a exploração da população, a economia assentada numa agricultura de subsistência e artesanal, a fraca competitividade comercial, o aumento demográfico, o desemprego, o desequilíbrio da produção/população, os baixos salários, tudo isso aliado à intensa circulação de navios. Por todos estes motivos, aconteceu um grande fluxo de emigração a partir do século XVIII.

Dessa forma, a migração caboverdiana é um fenômeno marcante no processo de formação da sociedade caboverdiana, com uma população emigrada estimada em 517.780, superior à residente, conforme o Instituto das Comunidades (IC). Esta cifra é bastante significativa para uma população residente em 475.947, segundo o Instituto Nacional de Estatística Caboverdiana (INE).

A emigração caboverdiana é entendida como uma alternativa para a procura de melhores condições de vida e, como a tentativa mais comum para sair da pobreza.

Antônio Carreira (1983), em suas investigações, divide a emigração caboverdiana em emigração espontânea e emigração forçada. A emigração espontânea está dividida em três fases: a 1ª fase de 1900-1920, a 2ª fase de 1927-1945 e a 3ª fase de 1946-1973. A emigração espontânea surge da iniciativa particular do emigrante, na procura de melhores condições de vida, mas é forçada pela falta de alternativas no arquipélago.

A 1ª fase migratória (1900-1920) é direcionada essencialmente para os Estados Unidos da América do Norte, pela influência dos navios baleeiros que vinham capturar baleias nos mares das ilhas. Muitos caboverdianos fixaram residência nos EUA, em bairros específicos devido a afinidades culturais. A partir de então, eles começaram a chamar os familiares deixados em Cabo Verde. A 2ª fase da emigração aconteceu de 1927 a 1945, e mostra uma diminuição das saídas, bem como uma mudança da corrente emigratória dos EUA para a África, acionada pelas leis norte-americanas de 1919, 1924 e 1928, que restringem a entrada de indivíduos analfabetos naquele país. A 3ª fase migratória (1946-1973), é considerada um grande êxodo e é dirigida, especialmente, para a Europa.

Com relação a emigração forçada de 1902 a 1970, os estudos nos remetem que esta foi impulsionada por iniciativa do governo através de leis, recrutando mão-de-obra braçal para trabalhar nas fazendas agrícolas de São Tomé e, posteriormente, para outros países africanos, visando amenizar as crises em Cabo Verde.

No que se refere a emigração para o Brasil, Carreira (1983) aponta que de 1900 a 1920 saíram de Cabo Verde para a América do Sul (Brasil, Argentina, Uruguai e Chile) 1.968 caboverdianos. De 1927 a 1952 rumaram na mesma direção 1.289. Porém, de 1972 a 1973, entraram no Brasil 15 imigrantes caboverdianos.

Observemos que as precárias condições estatísticas não nos permitem ter uma noção aproximada do número de caboverdianos que entraram no Brasil durante o século XX, à medida que, os 3.257 caboverdianos, incluem também a Argentina, Uruguai e Chile.

As referências encontradas em nossa pesquisa apontam que a maioria dos imigrantes caboverdianos fixou residência em várias cidades e bairros da região metropolitana do Rio de Janeiro e (re)constrói as identidades a partir da prática de alguns hábitos e costumes iniciais, permanecendo, assim, ligados uns aos outros por laços afetivos e culturais.

Atualmente, a emigração é entendida como um componente estrutural da sociedade caboverdiana. Um estudo do Banco Mundial intitulado *Cabo Verde-Poverty Study*, elaborado em agosto a setembro de 1993, relata que 60 a 70% das famílias caboverdianas recebem transferência do exterior, suficiente para elevar o nível de vida destas famílias. Para Monteiro (1997), embora as remessas flutuem com as condições econômicas, geralmente, contribuem em 12 a 14% do Produto Interno Bruto (PIB) de Cabo Verde, um importante recurso para equilibrar a balança de pagamentos e para o desenvolvimento da economia das ilhas.

### **A questão Informacional nas Redes Sociais na Imigração Caboverdiana no Rio de Janeiro (1950-1973)**

Informação e redes sociais são palavras que nos remetem freqüentemente a imigrantes caboverdianos no Rio de Janeiro. Considerando todo o processo de preparação para a viagem, atraídos pela possibilidade de trabalho e condições de vida melhores, os caboverdianos desembarcaram no Rio de Janeiro com carta de chamada e rapidamente foram incorporados pelas redes sociais de imigrantes pioneiros. Sendo assim, a pesquisa aponta que da decisão de emigrar à escolha do local de imigração e, posteriormente, a fixação de residência, geralmente depende dos padrões de relacionamento entre imigrantes ao longo do processo migratório.

Neste contexto, o paradigma das redes sociais, entendido como sistema de nódulos interconectados de forma fluída, sempre foram centrais na decisão de emigrar dos caboverdianos. Tratada, pois, política e economicamente, como produto da estratégia para garantir a sobrevivência, o Brasil foi desde cedo, um lugar de acolhimento dessa corrente emigratória internacional, que se originou das redes comerciais transatlânticas estabelecidas no arquipélago com o tráfico negreiro, tendo, Cabo Verde, assumido a posição de paragem obrigatória dos navios provenientes dos continentes africano, americano europeu e asiático. Nesse sentido, a cultura de migrar aparece nos documentos históricos como produto do aprofundamento de relações amistosas desenvolvidas entre os caboverdianos e os marinheiros ao longo dos séculos.

Embora o processo migratório tenha motivos econômicos, políticos e sociais, as redes sociais influenciaram

positivamente na decisão de migrar, baseado em redes organizadas a partir de demandas realizadas através das experiências migratórias. Sobre este assunto, Aínda Oliveira, 68 anos, imigrante de 1960, tem um relato interessante “eu tinha um irmão no Rio, eu vim a chamado dele em 1960, eu já ouvia falar do Brasil, dizia que o Brasil era muito bom para se viver, tinha de tudo no Brasil; eu vim para trabalhar” (entrevista, março de 2007).

Outro depoimento confirma os “elos” como propulsora da decisão de emigrar para o Brasil. Na narrativa de Ana Silva, 71 anos, imigrante de 1960, esta também é uma questão presente “como estava no Rio, o meu tio e o meu primo, então foi por intermédio deles que eu vim para o Brasil, donde que, naquela época, as pessoas entravam no Brasil com carta de chamada, eu vim para aventurar” (entrevista, março de 2007).

Tais experiências nos remetem às estruturas sociais, quer da sociedade de partida, quer da sociedade de acolhimento. Diante desse quadro, cabe perguntar: o que há de novo no processo migratório caboverdiano?

Uma das respostas para esta questão, está no fato de que, a imigração aparece como marca de identidade em relação ao trabalho, mas também movido pelo espírito de aventura.

Em relação as características de sexo e idade da população caboverdiana imigrada no Rio de Janeiro, a pesquisa evidencia que o movimento migratório dos anos 50 a 70, constitui um fluxo no qual predomina os jovens solteiros na faixa de 20 a 30 anos, e que, atualmente, fazem parte do grupo dos idosos com mais de 68 anos. Estas informações são grandes novidades, à medida que os resultados se mostram consistentes e, de certa forma, revelam aspectos relevantes da realidade imigratória (informação, trabalho, redes sociais) e de seus impactos nas áreas de origem e de destino.

O que consideramos aqui como estratégia pauta-se na organização de redes, que para Marques (1999), “permite chegar a um grande detalhamento das relações individuais sem perder de vista a estrutura do campo inteiro e os padrões mais gerais” (Marques, 1999: 47).

Com efeito, numa rede social, os indivíduos não obtém informações apenas dos contatos diretos, mas também das cartas, bilhetes, telegramas e anúncios que contribuem na ampliação de redes, e, conseqüentemente, no leque de opções.

Como veremos, as redes sociais constituem um veículo de fundamental importância na circulação de informações, baseadas nos laços de solidariedade, parentesco,

cultural, religioso etc. Essas redes influem na decisão de emigrar, assim como na construção de referências comunitárias, que se concretiza no poder atribuído a determinados membros do grupo.

Da análise dos “elos”, buscamos estabelecer algumas reflexões sobre as relações sociais que permitem a circulação de informações, baseadas nos padrões culturais que passam a infiltrar nas experiências desses indivíduos como coletividade. Porém, uma análise mais detalhada de redes sociais, revela como os “nódulos” atuam no âmbito das relações coletivas, em que o imigrante se sente apoiado. A evidência dessa referência é significativa na compreensão da construção da identidade, que será trabalhada a seguir.

### **Redes, Des-territorialização e Construção de Identidades**

De forma a captar a dinâmica das redes sociais entre imigrantes caboverdianos, Marteleto (2001), enumera várias significações de “redes”, significações, essas, que podem ser fundamentais na análise dos padrões relacionais, que esse grupo realiza ao longo dos tempos, favorecendo o estreitamento dos laços de solidariedade, de coerência e de continuidade.

Pode-se, pois, entender esses laços como “redes”, ou seja, um “sistema de nodos e elos, uma estrutura sem fronteiras, uma comunidade não geográfica, um sistema de apoio ou um sistema físico que se parece com uma árvore ou uma rede” (Marteleto, 2001: 72).

Nessa discussão, é necessário também, acionar Haesbaert (1997), que nos informa que a rede é geralmente definida em função dos fluxos entre pelo menos dois espaços.

Nessa lógica de pensar as redes, é preciso refletir em que bases os “nodos e elos” produzem identidades, à medida que a des-territorialidade está profundamente ligado a um processo de desenraizamento dos indivíduos em relação ao seu território de origem, envolvendo-se em diversas redes fluídas.

Nesta direção, Haesbaert (1997), evidencia que na maioria das vezes, a des-territorialização fragmenta o indivíduo, pelo fato de desconectá-lo do espaço de origem, destruindo, assim, seus marcos culturais de identidade. No entanto, o novo espaço é uma rede informacional, de conectividade e de interação social com o território de origem. Sendo assim, esse movimento é significativo na construção das identidades em relação aos territórios.

Estudos realizados por Marteleto (2001), mostram que “nos espaços informacionais, as redes são iniciadas a partir da tomada de consciência de uma comunidade de interesses e/ou de valores entre os seus participantes. Entre as motivações mais significativas para o desenvolvimento das redes estão os assuntos que relacionam os níveis de organização social, global, nacional, regional, estadual, local, comunitário”. (Marteleto, 2001: 73).

O levantamento de informações sobre a construção da sede da Associação Caboverdiana do Estado do Rio de Janeiro (ACERJ), na década de 70, indica os interesses envolvidos com a independência nacional em 1975, a partir de um projeto africanização - uma vez Cabo Verde independente, favorece de forma mais ampla, o ingresso de caboverdianos no movimento associativo de raiz portuguesa -.

Neste sentido, o Sr. José Oliveira, 74 anos, imigrante de 1950, elucida que “depois que Cabo Verde tornou independente, e sendo Cabo Verde independente, nós também teríamos que formar a nossa associação, eu consegui com apoio de todos fundar a Associação Caboverdiana” (entrevista, agosto, 2006).

No que se refere ao aspecto das relações entre imigrantes caboverdianos de nacionalidade portuguesa, e a nova elite política caboverdiana, observa-se o predomínio da rejeição do Partido Africano de Independência de Cabo Verde e Guiné Bissau (PAIGC), partido único (1975 a 1990), que reivindicava a integração do arquipélago na África e a unidade com a Guiné Bissau. Rejeitado pela maioria dos caboverdianos, tal projeto foi abandonado pelo governo de Cabo Verde em 1981, após o golpe de estado na Guiné Bissau, tendo Cabo Verde proclamado a fundação do Partido Africano de Independência de Cabo Verde (PAICV). Em 1991, no quadro das primeiras eleições democráticas, foi eleito o Movimento para a Democracia (MPD), que mudou alguns símbolos (bandeira e hino nacional), considerados muito africanos para a realidade mestiça nacional.

Nesta ótica, José Oliveira afirma que: “Quando eu criticava a independência, é porque eu sentia que Cabo Verde, independente, vai sobreviver como e do que?”.

Continuando ele narra que: “Cabo Verde, independente, entrou numa ditadura de partido único e, eu acompanhava detalhes por detalhes. Eu, aqui, reprovava, constantemente, as notícias de torturas, a ponto de alguém, aqui, mandar meu nome lá para a terra”.

Embora, não concordando com a independência de Portugal, a maioria dos imigrantes procurou estreitar os laços culturais no Rio de Janeiro através das festas de confraternizações e na fundação da Associação.

Com efeito, a pesquisa mostrou que os imigrantes delimitam espaços étnicos específicos, a partir de um jogo de identidades, (português, caboverdiano, brasileiro ou cabo-brasileiro). Esse processo identitário é decisivo na formação da Associação, como sendo um “nó” de referência a todos os caboverdianos no Rio, baseado numa estrutura administrativa, relativamente independente da interferência do governo das ilhas de Cabo Verde.

É necessário assinalar que o estado de Cabo Verde, representado pelo Instituto das Comunidades (IC), reconhece as experiências que advém do processo migratório. Assim, em detrimento das ondas de resistências, valoriza os elos entre os imigrantes e procura conectá-los a terra de origem, reconhecendo a descendência como caboverdianos.

Neste contexto, o IC procura incentivar a Associação a exercer seu papel de coesão social, tendo como pilares a confiança nas redes interpessoais de informação e solidariedade desenvolvidas na sociedade brasileira, de modo a integrá-los a sociedade hospedeira e a reconhecer os progressos da Cabo Verde após a independência de Portugal. Entretanto, a interferência do Estado não é determinante no sistema de organização do grupo e nem no estabelecimento de novos laços culturais.

De fato, a ação governamental se mostra bastante centralizada no “jogo das referências culturais”, devido ao distanciamento dos imigrantes, tendo em conta que a maioria visitou o país, em média, 2 a 3 vezes, num período compreendido entre 30 a 50 anos, enquanto que a maioria morreu sem retornar a Cabo Verde.

No entanto, a preocupação de imigrantes, evidenciada na narrativa de José Oliveira diz que: “A nossa preocupação é porque não vem mais caboverdianos, de modo que essa é uma preocupação muito grande, mas a nossa consciência a levamos tranqüila, pois intruímos nossos filhos na cultura caboverdiana”.

Com base nessas informações, observemos que “independentemente das questões que se busca resolver, muitas vezes a participação em redes sociais, envolve direitos, responsabilidades e vários níveis de tomadas de decisões” (Marteleto, 2001: 73).



A partir disso, verificamos o quanto as redes sociais são um projeto coletivo que visa manter a cultura viva na região metropolitana do Rio, ao mesmo tempo que define a posição que cada membro desempenha na comunidade. Sendo assim, ao conferirmos a análise de redes sociais, o imigrante se posiciona de acordo com a sua participação nos encontros comunitários, na tomada de decisões que envolve a vida do grupo. Assim, o papel central é conferido ao líder fundador ou aos presidentes eleitos pelos imigrantes.

Marteleteo (2001), explica que a centralidade de um ator “significa identificar a posição em que ele se encontra em relação às trocas e à comunicação na rede. [...]. Quanto mais central é um indivíduo mais bem posicionado ele está em relação às trocas e à comunicação, o que aumenta seu poder na rede” (Marteleteo: 2001: 76).

Parece razoável admitir que no grupo de imigrantes, alguns são referências, cumprindo, assim, o papel de líder em todos os domínios que requer a centralidade das tarefas e decisões. Neste sentido, identificamos no José Oliveira o poder de líder quando afirma: “Eu sou um dos imigrantes mais antigos, pois eu tenho 51 anos do Brasil, eu fui fundador da Associação e presidente por 20 e poucos anos. Para fundar a Associação, eu senti na obrigação de incentivar caboverdianos, e hoje temos nossa sede, uma obra que merece o respeito, graças a minha iniciativa e a colaboração de todos”.

Foram apontados alguns elementos de contexto de liderança, no qual a centralidade aparece como a quantidade de elos desenvolvidos por alguns indivíduos em relação a outros.

Porém, Marteleteo evidencia que nem todos os indivíduos com maior número de contatos numa rede ocupam a posição central nas ligações sociais. Para ela, isto se explica pelo conceito de “abertura estrutural” (Marteleteo, 2001: 76).

Na mesma direção, Emirbayer & Goodwin (1994), denomina os “não contatos” de abertura estrutural ou “ausência de relação entre atores em uma rede (o elemento crucial da estrutura da rede)”. Para Marteleteo esse conceito recupera, de alguma forma, a valorização dos elos fracos: “os elos fracos são pertinentes para compreender os atores sociais, que não seriam descritos em função de seus elos fortes” (Granovetter, 1973: 1360).

O componente migratório é decisivo na abertura de redes, particularmente, quando se observa que os presidentes

da Associação, embora com poucos contatos, estão bem posicionados nos elos. Nesse sentido, além dos contatos fracos, também mostram-se importantes as estratégias adotadas no período de campanha a eleição do presidente.

Quando analisamos as redes sociais, fica claro que os elos que os imigrantes pretendem construir no Brasil, também valorizam os brasileiros como construtores do cabo-brasileiro. A título elucidativo, o Sr. Otávio, 74 anos, imigrante de 1960, ao ser perguntado, como são os relacionamentos entre imigrantes e brasileiros, ele conta que “são boas! A gente vive como brasileiros, eles nos tratam como brasileiros, nossos filhos são brasileiros, assim, temos de amar a terra onde nossos filhos nasceram” (entrevista, agosto, 2006).

As referências encontradas em nossa pesquisa indicam que os imigrantes com maior centralidade de informações são aqueles que se destacam como líderes (imigrantes pioneiros, presidentes), que envolvem, via de regra, a forte influência das redes sociais na construção das identidades. Assim, o papel central beneficia a solidificação das referências na comunidade e junto do governo de Cabo Verde, que vem procurando estreitar os laços com os imigrantes no Rio de Janeiro.

A partir de 2007, com a eleição da presidente, Neuza de Oliveira, 42 anos, 2ª geração, tem procurado construir projetos coletivos como desenho arquitetônico da Associação, levantamento do número estimado de imigrantes, além do incentivo a participação na sociedade brasileira. Por outro lado, o governo de Cabo Verde procura estimular a oficialização da Diretoria, visando a sua inserção nos projetos de apoios a comunidades imigradas.

Em suma, esses laços constituem redes sociais que se enraízam no local de acolhimento. Porém, os imigrantes constróem identidades de forma contraditória e maleável, mas fortalecedor da solidariedade e coesão do grupo em relação a sociedade brasileira..

Se a dinâmica da identidade indica constante mobilizações sociais e políticas entre imigrantes, as redes sociais também podem nos dar uma idéia de como o processo migratório ocorre no Rio, e se projeta no Brasil. Como mostra nossa pesquisa, fica muito claro o seu caráter maleável, descontínuo e identitário:

- a) Redes econômicos: trata-se de redes que envolvem o comércio de produtos legais nas mercearias e nos bares.

- b) Ideológico-culturais: os vínculos de ordem cultural visam o estreitamento dos laços culturais. A utilização da língua portuguesa em casa, na associação, na rua e na igreja, representa a manutenção da nacionalidade portuguesa. Pode-se dizer que o uso de palavras em Crioulo caboverdiano representa a mesclagem cultural, representativo da construção do cabo-brasileiro.
- c) Parentesco: fortes laços afetivos entre imigrantes e brasileiros que se expressam através dos casamentos (caboverdiano/caboverdiana; caboverdiano (a)/brasileiro (a); caboverdiano/portuguesa.
- d) Movimentos Sociais: as redes são articuladas na Associação, nas confraternizações familiares, na secretaria de cultura, lazer e esporte de Mesquita e na Associação Luso-Brasileira através da respectiva filiação.
- e) Política: a maioria dos imigrantes com nacionalidade caboverdiana votam em Cabo Verde, embora todos votam no Brasil na escolha dos representantes do País.
- f) Serviços: os imigrantes recorrem a saúde e a educação no Brasil, mas não são beneficiados nas cotas de bolsas do Programa de Estudante Convênio.

Os dados analisados permitem alguma reflexão sobre a importância das redes sociais no processo migratório envolvendo os imigrantes caboverdianos no Rio de Janeiro. O imigrante, ao participar desta multiplicidade de redes, manifesta, objetivamente, sua condição de identidade social, pautado no cabo-brasileiro. Esse processo sinaliza transformações naquilo que caracteriza os territórios físicos e a (re)construção das identidades. O imigrante é aquele que melhor vivência a ambigüidade de “ser” ou “não ser” caboverdiano; de “ser” ou “não ser” brasileiro, de “ser” ou “não ser” português em detrimento do “não ser” africano, expressa de forma categórica.

As informações levantadas foram muito sugestivas no sentido de mostrar o impacto da condição de imigrante na construção das redes sociais no Rio de Janeiro. Este estudo representa uma primeira aproximação ao tema sobre o processo de produção de redes sociais da comunidade caboverdiana no Rio. Neste momento, foram privilegiados

algumas entrevistas com imigrantes da primeira e da segunda geração, totalizando 28 entrevistados na faixa de 18 a 80 anos. Além disso, consideramos a revisão da bibliografia referente a Ciência da Informação e migração caboverdiana.

### **Bibliografia**

BENTO, Artur Monteiro. Memória híbrida, identidade e diferença: uma visão múltipla da comunidade caboverdiana no Rio de Janeiro. 2ª ed., Rio de Janeiro: Oficina de livros, 2007.

CARREIRA, Antônio. Migrações nas ilhas de Cabo Verde. 2ª ed., Cabo Verde, Praia: Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco, 1983.

EMIRBATER, Mustafar & GOODWIN, Jeff. Network analysis, culture and the problem of agency. *American Journal of Sociology*, v. 99 n. 6, 1994, p. 1411-1454,.

GRANOVETTER, Mark. The strength of weak ties. *American Journal Sociology*, v. 78, n. 6, maio, 1973, p. 1360-1380.

HAESBAERT, Rogério. Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no nordeste. Niterói: Eduff, 1977.

MARTELETO, Maria Regina. Análise de redes sociais – aplicação nos estudos de transferência da informação. IN: *Revista Brasília*, v. 30, n.º. 1, p. 71-81, jan/abril.2001. <http://dici.ibict.br/archive/00000204/01/Ci%5B1%5D.Inf-2004-261.pdf> (acessado em 09 de agosto de 2007).

MARQUES, Eduardo César. Redes sociais e instituições na construção do estado e da sua permeabilidade. *RBCS*, v. 14 n.º 41, outubro de 1999. <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v14n41/1751.pdf> (acessado em 10 de agosto de 2007).

MONTEIRO, César Augusto. Comunidade Imigrada: visão sociológica, o caso da Itália. Mindelo: Ltda. Gráfica do Mindelo, 1997.

RAFFESTIN Claude. Ecogénèse territoire. In: AURIAC, F.; BRUNET, R. *Espaces jeux et enjeux*,. Paris: Fayard, 1986.

### **Sites da Internet**

Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde (INE). [www.ine.cv/](http://www.ine.cv/) (acessado em agosto de 2007).

Instituto das Comunidades (IC) [www.ic.cv](http://www.ic.cv) (acessado em agosto de 2007).